

Da variedade à invariância: *então*, um caso exemplar

OTÍLIA DA COSTA E SOUSA

(Escola Superior de Educação de Lisboa)

(Grupo "Gramática e Enunciação" - Universidade Nova de Lisboa)

Resumo

No quadro da teoria formal enunciativa proponho-me analisar os diferentes empregos do marcador *então*. *Então* apresenta uma grande variedade de usos que não parece facilmente redutível, a priori, a uma caracterização estável e geral. Parto, contudo, da hipótese de que sob a extrema variabilidade de usos do marcador existe um quadro de invariância que permite unificar a heterogeneidade de sentidos assumida por *então* nos diferentes enunciados em que ocorre. Assim, a partir da análise de um conjunto de enunciados, que se pretende representativos dos diversos valores de *então* - valores aspectuo-temporais, nocionais e discursivos -, viso uma descrição precisa que mostre o que, num dado enunciado, releva do marcador em questão ou de efeitos contextuais.

A perspectiva que apresento, sobre o marcador *então*, permite identificar o que há de comum aos seus usos aspectuais, temporais, argumentativos, de estruturação conversacional (Lopes 1996), de estruturação narrativa.

1. Introdução

Esta comunicação é uma proposta de explicação sobre o funcionamento da forma *então*. *Então* aparece caracterizado como advérbio de tempo em Mateus et alia (1989) e em Cuesta & Luz (1988); em Cunha & Cintra (1991) é classificado como advérbio de tempo e "palavra denotativa de situação". Em Lopes (1971) é referido como marcador de valor aoristo (na acepção de pontual) e em Campos & Xavier (1991) é referido entre os advérbios temporais anafóricos. Lopes (1996) caracteriza *então* como marcador temporal, argumentativo e de estruturação conversacional. Risso (1996) enfatiza o seu papel de

articulador discursivo. Afonso (1996), ao estudar a forma *então* em enunciados interrogativos, aponta-a como marcador de uma segunda ocorrência enunciativa.

Retomo a explicação por mim avançada num outro trabalho (Sousa 1996) de que *então* é um marcador¹ de uma operação de retoma anafórica. Esta é a operação geral estável que subjaz à disparidade de valores associáveis a *então*. O marcador retoma a localização do seu antecedente (que pode ser uma lexis, uma enunciação, um contexto situacional, um saber pré-construído) para localizar a lexis que introduz.

A extrema plasticidade do marcador *então* permite-lhe retomar a localização temporal, a localização nocional ou a localização discursiva do seu antecedente. Os diversos valores associados ao marcador são consequência de características dos enunciados em que ocorre, de características dos termos desses enunciados e das relações entre os termos, e, ainda, da posição do marcador no enunciado. Na relação de localização de que é marcador, *então* relaciona dois termos, por convenção, p e q: p é a variável do termo localizador (termo antecedente) e q é a variável do termo localizado (termo anafórico). Situo as minhas observações em dois planos: o plano dos enunciados e o plano das enunciações.

No plano dos enunciados *então* marca a seguinte relação p *então* q. A relação de localização entre p e q pode ser de natureza:

a) aspectuo- temporal

- (1) Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi então que as mimosas rescendiam através da noite sem medo. (V. Ferreira, *Contos* pp10)
- (2) «eu estava ali de mãos abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro. Então ela contou dos patos que criara nessa primavera, das manhãs altas de sol, do pão que vira semear.» (idem)

b) nocional

- (3) tive medo que o meu pai me ralhasse então menti (Rodrigues 1994)
- (4) se não pode mantê-lo então que o doe

c) aspectuo- temporal e nocional, simultaneamente

- (5) o João contou tudo à irmã. Sentiu-se, então, muito aliviado (Lopes 1996).

No plano das enunciações, *então* relaciona enunciações do seguinte modo Ep *então* Eq:

- (7) então que é que o professor te disse?
- (6) então como vai isso?
- (8) então até amanhã

(9) então hoje vamos ver como funciona um circuito (Rodrigues 1994)

(10) então essa bica sai ou não sai? (Sousa 1996)

(11) A: não sei que fazer em Agosto.

B: então já não vais a Marrocos?

2. Então marcador aspectuo-temporal

Passo a analisar os enunciados em que *então* possui valor temporal² e aceita ser parafraseado por *nesse momento*.

Retomemos (1)

(1) Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi *então* que as mimosas rescendiam através da noite sem medo.

O marcador relaciona as lexis <Marta aparecer> e <perceber mimosas rescender>. A relação operada por *então* é de ordem temporal, isto é, *então* retoma o intervalo temporal associado a “Marta apareceu” para o tornar localizador do intervalo associado a “percebi que as mimosas”. O operador *então*, ao retomar “Marta apareceu” para localizar “percebi que as mimosas rescendiam” fá-lo de um ponto de vista desligado, disjunto.

Sem a ocorrência de *então*, p e q seriam construídos, a priori, como independentes:

(1)a. Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi que as mimosas rescendiam através da noite sem medo.

Apareceu	percebi
[]	[]

A presença de *então* marca que q é construído relativamente a p, ainda que numa relação de disjunção. Pelo facto de q retomar a localização temporal associada a p, relativiza p, redefinindo-o na relação:

Apareceu	percebi
[]	[]

Em

(2) «eu estava ali de mãos abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro. Então ela contou dos patos que criara nessa primavera, das manhãs altas de sol, do pão que vira semear.»

então marca, igualmente, uma retoma da localização temporal de p “eu estava ali de mão abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro” para localizar q “ela contou...”. *Então* retoma as coordenadas temporais da lexis que o antecede e localiza a lexis que se lhe segue. A localização de q relativamente a p é conexas e, simultaneamente, disjunta: é conexas porque se encontra localizado relativamente a p, e disjunta porque o intervalo associado a q é diferente do intervalo associado a p.

Do ponto de vista aspectual, a situação de p é imperfectiva (sendo o marcador de imperfectividade o pretérito imperfecto). *Então* ao retomar um intervalo aberto, vai delimitá-lo pela retoma e relação com q. Ao marcar a construção de uma nova situação³, redefine a situação que retoma globalmente, tornando-a compacta. Concluindo, a forma em análise possui um importante papel aspectual. Ao retomar o antecedente delimita-o e compactiza-o⁴.

Da descrição efectuada de *então* nos exemplos (1) e (2), sobressai a sua função de conector e disjuntor. Estas funções não são equiponderantes. Assim, quando o conector relaciona duas situações perfectivas sobressai o seu valor de conector, quando relaciona duas situações imperfectivas ou imperfectiva/perfectiva sobressai a sua função de disjuntor.

3. *Então* marcador nocional

Nos enunciados (3) e (4) que passarei a analisar, *então*, parafraseável por *por isso, nesse caso*, tem valor exclusivamente nocional.

- (3) tive medo que o meu pai me ralhasse então menti
 (4) se não pode mantê-lo então que o doe

Em (3) e (4), *então* é marcador de uma operação de localização nocional, isto é, retoma o quadro nocional de p “ter medo” e “não poder manter” para localizar q “mentir” e “doar”, respectivamente. A sua natureza anafórica permite-lhe retomar a localização nocional de p de dois modos:

- Sendo o quadro nocional de p apresentado como a causa do de q: há p *então* há q (porque há p, há q): *tive medo que meu pai me ralhasse então menti*,
- limitando a validação de q ao quadro nocional definido em p: se há p *então* há q (se há p nesse caso há q): *se não pode mantê-lo então que o doe*.

A operação é a mesma: retoma anafórica da localização nocional de p. A diferença advém do estatuto de p: construído como factual em (3) e como fictício em (4) (*se é* marcador de asserção fictícia (Culioli 1990:132)).

É, precisamente, a natureza anafórica do marcador que inviabiliza a sua ocorrência em enunciados condicionais de tipo austiniano:

(12) *se tens sede *então* há cerveja no frigorífico

Nesta sequência, a prótase - se p - introduz como hipótese p, lexis validada, que fornece a validação da lexis q introduzida na apódose (Campos 1989:160). Sendo p construído como hipotético, e retomando *então* p para o constituir como localizador de q, este tem que ser, igualmente, construído como hipotético. A impossibilidade de q ser construído como factual advém do facto de a lexis localizadora ser não factual. Por outras palavras, a partir de uma lexis não factual, não se poderá construir uma lexis factual. É impossível termos a construção de uma asserção *há cerveja no frigorífico*, a partir da localização de um enunciado hipotético *se tens sede*. Sem a ocorrência da forma *então* deixa de haver problema, pois a asserção deixa de ser localizada a partir da hipótese:

(12) a. se tens sede, há cerveja no frigorífico.

A impossibilidade da ocorrência do marcador em enunciados deste tipo, atesta bem a sua natureza anafórica.

4. *Então* aspectuo-temporal/ nocional

Muitas vezes, *então* marca uma dupla localização de q em relação a p. Atentemos em (5):

(5) o João contou tudo à irmã. Sentiu-se, então, muito aliviado (Lopes 1996).

Em (5), p serve de localizador temporal e de localizador nocional a q. Serve de localizador temporal, porque, não possuindo q um localizador temporal, *então* retoma as coordenadas temporais de p para localizar q. Serve de localizador nocional, porque p fornece o quadro nocional para a validação de q. A relação nocional é construída como tal intra-textualmente.

A relação nocional, como tal, é tributária ou das relações primitivas interlexis ou de relações construídas intra-textualmente.

Além das relações primitivas interlexis e das relações construídas intra-textualmente, para que possa haver relação causal é necessário ter em conta as características aspectuo-temporais das situações em relação (Sousa 1996, capítulos II e III).

5. *Então* marcador discursivo

Na oralidade, *então* surge, muitas vezes, como sinal de abertura a uma conversa, a uma aula, a uma declaração. Enquanto marcador discursivo, *então* marca uma relação entre duas enunciações, entre um contexto situacional e uma enunciação ou entre um saber pré-construído e uma enunciação. Frequentemente, o termo antecedente é do domínio do pré-construído:

(6) *então*, como vai isso?

Neste enunciado, *então* marca a relação entre duas situações de enunciação: a presente e uma outra passada (pré-construída). *Então* retoma a última situação (o último encontro), para a partir dela construir a situação de enunciação actual. Mais uma vez, sobressai o seu papel de conector/disjuntor: marca a construção conexa de duas situações de enunciação disjuntas. Repare-se que se fosse um primeiro encontro soaria estranho a introdução de *então*.

Próximo do enunciado anterior, e também muito comum, é o uso de *então* para iniciar o discurso pedagógico:

(9) *então* hoje vamos ver como funciona um circuito

Neste enunciado, observamos a ocorrência de dois adverbiais: *hoje*, que serve de localizador temporal ao enunciado, e *então*, que marca a ligação entre uma situação de enunciação anterior (a última aula, o último tema) e a presente situação de enunciação. Este enunciado poder-se-ia parafrasear: a última vez falámos de x, hoje vamos falar de y.

Então retoma globalmente a última vez para marcar a construção, de forma ligada mas disjunta, a presente situação de enunciação. Não tendo valor temporal (*então* não aceita ser parafraseado por qualquer adverbial temporal), a disjunção é, nestes dois enunciados, de ordem temporal, ligada à passagem estabelecida por *então* entre *a última vez* e a situação de enunciação em curso. *Então* marca a passagem a uma nova etapa, construída a partir da etapa precedente (veremos mais adiante que mesmo em narrativa esta é uma das funções mais salientes de *então*).

Como se pode verificar, *então* não é um mero operador de “abertura conversacional”. Se não tiver havido enunciações anteriores, o marcador não se justifica. Mais uma vez, sobressai a natureza anafórica do marcador: retomando globalmente uma situação de enunciação anterior, marca a construção de uma nova situação como ligada, apesar de disjunta.

Apontámos contextos em que *então* funciona como “sinal de continuidade discursiva” (Lopes 1996: 13, Risso 1996: 446). O próximo enunciado apresenta o marcador como sinal de fechamento discursivo:

(8) então até amanhã

Este enunciado é frequente como fórmula de despedida, apresentando variantes:

(8)a. então até um dia destes

(8)b. então até sempre

Mas,

(8)c. então até nunca mais

soaria como um exercício de non-sense.

Em (8), *então* relaciona dois momentos, duas situações: situação1-eu, tu, aqui, agora-, situação2 - cu tu aqui amanhã. *Então* opera uma retoma global da situação1, delimita-a, procedendo ao seu fechamento, para construir de forma conexas, mas temporalmente disjunta, a abertura da situação2 (provável)⁵. Mais uma vez, ressalta a sua função aspectual (delimita as situações construindo-lhes a fronteira à direita) e a sua função de conector (estabelece uma “ponte” entre situações disjuntas).

Do mesmo tipo é:

(8)d. então hoje vamos terminar por aqui e na próxima aula falaremos de....

em que *então* retoma toda a situação, delimita-a e marca a ligação à próxima aula.

No enunciado que se segue, *então* retoma um contexto situacional que corresponde a uma situação imperfectiva, delimita essa situação para a partir do seu fechamento permitir a construção de uma nova situação:

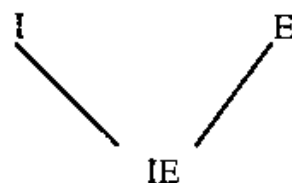
(10) então essa bica sai ou não sai?

Ao pedir uma bica, peço ao meu co-enunciador que realize um acto que me coloque no interior do domínio (I) <ter bica>. Face a <não ter bica> (E) (sendo a forma *não* marcador de imperfectividade), *então* retoma essa situação e procede à sua delimitação. O fechamento da situação <não ter bica> permite “visar” de novo I <ter bica>. A interrogação é, precisamente, marcador da posição do enunciador em IE, e da

potencialidade, por parte do co-enunciador⁶, da validação ou não da relação predicativa (Afonso 1996: 3):

ou I (sai bica)

ou E (não sai bica).



Concluindo, *então* retoma globalmente a situação (pedido de bica não atendido), delimita-a e marca a construção da ligação com a nova enunciação que “visa”, de uma posição em ruptura (IE), I, isto é, <ter bica>. Fica claro o papel de conector do marcador.

Atentemos em (11):

(11) A: não sei que fazer em Agosto

B: então já não vais a Marrocos?

Em (11), *então* retoma, não a enunciação de A, mas um pré-construído: a intenção de A ir a Marrocos. A mudança de planos não é partilhada pelo co-enunciador. Assim, quando A enuncia *Não sei que fazer em Agosto*, B retoma, o saber construído em outras enunciações (sendo o marcador de retoma *então*) para construir <não ir a Marrocos>, marcando *já* a saída do domínio (Campos 1997: 75) <ir a Marrocos>, e a forma *não* a construção do seu complementar linguístico.

Nos exemplos analisados nesta secção, *então* introduz o termo que localiza (q), sem que p esteja construído (excepto em (8d) em que *então* retoma o contexto, mas igualmente todo o discurso anterior). Sendo este marcador o traço de uma operação que cabe ao co-enunciador reconstruir, é precisamente a natureza anafórica do marcador que autoriza a reconstrução, pelo co-enunciador, do termo antecedente de *então*, a partir do termo anafórico.

Enquanto marcador discursivo, *então* não aceita ser parafraseado. Não veiculando qualquer valor semântico, é um mero operador de conexão/disjunção, marcando a construção de uma nova etapa discursiva.

5.1 *Então* no texto narrativo

Acabámos de ver que *então*, introduzindo uma enunciação, funciona como articulador discursivo, marcando uma nova sequência discursiva. Também no texto narrativo, introduzindo um enunciado *então* funciona como articulador de diferentes sequências narrativas, de extractos de primeiro plano para extractos de segundo plano ou vice-versa.

Atentemos no exemplo seguinte:

(13) não conseguiu pescar nada e ficou pobrezinho, não tinha nada para comer. Então um dia ele estava tão apavorado... (Sousa 1996)

em que *então* relaciona as lexis <não ter nada para comer> e <estar apavorado>. A lexis introduzida por *então* possui um adverbial temporal autónomo (Campos & Xavier 1991), que é o seu localizador temporal. Possuindo q localização temporal autónoma, *então* não retoma as coordenadas temporais de p, mas as suas coordenadas discursivas. Dito de outro modo, *então* é marcador de “continuidade discursiva” entre p e q. Este é um co-texto exemplar no que concerne o papel de articulador discursivo de *então* na narrativa: ligando, de um ponto de vista desligado, dois momentos da história.

Porém, mesmo em enunciados em que q não possui localizador temporal, os valores temporais de *então* esbatem-se em detrimento do seu valor discursivo. Tal é patente em (14):

(14) há muito tempo o sal não existia depois uma família estava pobre, então um senhor morreu...(Sousa 1996)

Neste exemplo, ao marcar a transição entre o quadro da história e o enredo, a função de organizador textual de *então* é saliente. Se omitirmos *então*, não se verifica alteração da organização temporal, o que se perde é, precisamente, a tensão criada no ouvinte por *então*. A sua função de conector/disjuntor permite criar no ouvinte a expectativa perante uma nova etapa, ligada mas disjunta. *Então* participa, deste modo, da marcação da continuidade e progressão textuais. A função discursiva de *então* é, marcadamente, uma característica do oral (Lopes 1996: 12). Mas esta função não é exclusiva do oral. Na narrativa escrita, quando marca transições entre sequências narrativas ou entre momentos de primeiro plano/segundo plano ou vice-versa (as chamadas transições heterogéneas - Weinrich 1973), esbatem-se os seus valores temporais e nocionais para prevalecer o seu valor discursivo.

Nesta comunicação, demonstra-se que através da diversidade dos valores associados a *então* subjaz uma operação estável e geral que explica a “gradiência” de valores - temporais, aspectuais, nocionais, discursivos. É essa operação marcada por *então* que permite identificar o quadro de invariância subjacente à grande variabilidade de usos e valores associados ao marcador. *Então* é operador de retoma anafórica - operação de localização que se define pela retoma de localização do termo antecedente, para localizar o termo anafórico introduzido por *então*. A plasticidade do marcador permite-lhe retomar as coordenadas espaço-temporais, o quadro nocional ou o quadro discursivo do termo

anterior, para localizar temporalmente, nocionalmente ou discursivamente o termo que introduz.

NOTAS:

¹ A utilização do termo marcador, mais precisamente marcador de operação, permite sublinhar o facto de os objectos linguísticos serem perspectivados como operadores (ordens para operar, traços de operações) que reenviam a operações e não a valores estáveis. Numa linguística das operações, os objectos são estudados de um modo transcategorial e só assim conseguimos uma caracterização funcional dos marcadores: apagando barreiras entre categorias.

² «Fuera del español y el portugués los demais romances han perdido el uso de TUNC, por lo menos en su valor temporal (algunas hablas alpinolombardas conservan *tonc* o *tonca*, pero con el sentido de 'pues' que tienen el fr. *Donc*, it. *dunque*, cat. *doncs*, oc. y cat. *doncas*). (Corominas & Pascual 1984: 643).

³ Utilizo situação como hiperónimo das diversas classes aspectuais. No que concerne as classes aspectuais retomo a tipologia de Vendler (1967).

⁴ Confirma-se assim o valor de aoristo apontado por Lopes 1971. Enquanto marcador aspectual, *então* retoma globalmente a situação anterior tomando-a compacta, isto é, equivalente a um ponto.

⁵ Saliente-se nestes enunciados a coocorrência de *até* como marcador de percurso de um intervalo temporal sem ultrapassar a fronteira à direita (Campos 1977: 127). A fronteira é marcada pelo adverbial que coocorre com *até*: *amanhã, um dia destes, sempre*.

⁶ Interrogar corresponde, entre outras operações, por parte do enunciador ao «recurso ao co-enunciador para que este, tendo reconstruído a classe de ocorrências, se constitua em segundo e dê a resposta pedida, isto é, distinga um dos valores da classe.» Campos 1997: 88.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, A. B., 1996 - «Da especificidade de alguns enunciados interrogativos» in *Actas do XII Encontro da APL*, Braga (no prelo).
- CAMPOS, M. H. C., 1989 - *Abordagem enunciativa de um subsistema modal do português: os verbos dever e poder*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- CAMPOS, M. H. C., 1997 - *Tempo, Aspecto e Modalidade*, Porto, Porto editora.
- CAMPOS, M. H. C. & M. F. Xavier, 1991 - *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CUESTA, P. & M. A. Luz, [1971] 1988 - *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70.
- CUNHA, C. & L. Cintra, [1984] 1991 - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, ed. João Sá da Costa.
- COROMINAS, J. & J. A. Pascual, [1980] 1984 - *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Gredos.
- LOPES, A. C. M., 1996 - «*Então*: elementos para uma análise semântica e pragmática» in *Actas do XII Encontro da APL*, Braga (no prelo).

- LOPES, O., 1971 - *Gramática Simbólica do Português-Um Esboço*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATEUS, M. H. M. et alia, [1983] 1987 - *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- RISSE, M. S., 1996 - «O articulador discursivo “então”» in *Gramática do Português Falado IV*, Campinas, Unicamp: 423-449.
- RODRIGUES, M. H., 1994 - «Estudo de algumas ocorrências de *então*» trabalho realizado no âmbito do mestrado de Teoria do Texto, Universidade Nova (não publicado).
- SOUSA, O. C., 1996 - *Construindo Histórias: Quando, então, depois, marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*, Lisboa, Estampa.
- WEINRICH, H., [1964] 1973 - *Le temps*, Paris, Seuil.